

JORNAL DO BRASIL

Para banqueiro dos EUA, Brasil

19 JAN 1982

se recupera em 82

Nova Iorque — A situação econômica do Brasil será "muito melhor em 1982 do que no ano passado", disse ontem um importante banqueiro norte-americano em entrevista à agência de notícias UPI. "Estávamos preocupados com o ano de 1981, e ele foi de fato muito difícil, mas as novas medidas adotadas pelo ministro do Planejamento, Antônio Delfim Netto, fizeram com que o Brasil comece a recuperar-se", acrescentou.

Da entrevista participaram dois diretores de um dos cinco maiores bancos dos Estados Unidos. Eles fizeram às declarações sob a condição de que seu nome fosse mantido em sigilo e abordaram a situação econômica também da Argentina, Chile e México.

O banqueiro disse que a inflação brasileira está se reduzindo e que a balança comercial foi muito boa em 1981, devendo melhorar ainda mais em 1982.

Embora reconhecesse que o Brasil vive um período de recessão e uma tendência do aumento do desemprego, que "preocupa os políticos", o banqueiro comentou que "felizmente ali há poucas greves", geralmente na região de São Paulo.

Ele garantiu que o Brasil poderá obter nos bancos todo o dinheiro de que necessites "entre 16 e 17 bilhões de dólares", embora com o pagamento de taxas de juros mais elevadas, a exemplo do que ocorre com o México.

Sobre o México, outro banqueiro disse que este país precisa encarar com realismo seus programas agrícolas e que o peso deve ser desvalorizado. Destacou que o México enfrentará problemas se continuar cometendo o mesmo erro da Venezuela, de fazer grandes in-

vestimentos no setor público, em detrimento do setor privado.

Para o banqueiro, "o peso mexicano está supervalorizado em 25 a 30 por cento" e o governo precisa acelerar o ritmo da desvalorização em andamento.

Outro problema da economia do México foi que seu governo não aceitou a tempo a realidade da saturação do mercado petrolífero mundial e não ajustou seus preços a tempo, perdendo vendas.

Não obstante, disse, não acreditar que o México enfrente problemas para obter empréstimos no exterior este ano.

Sobre a Argentina, o banqueiro que fez as previsões sobre o Brasil disse que "precisaria ser adivinho" para acertar, pois o país sofreu uma grande perda de confiança, nos planos interno e externo, durante a gestão do presidente Roberto Viola, o que trouxe "repercussões profundas".

Conforme lembrou, num período de seis a oito meses do ano passado a Argentina teve suspensas os empréstimos do exterior e seu Banco Central aconselhou a YPF (Yacimientos Petrolíferos Fiscales) e não tomar um empréstimo de 100 milhões de dólares, pois os juros seriam muito altos.

O banqueiro sustentou que "agora, com o presidente Leopoldo Galtieri e seu ministro da Economia, Roberto Aleman, as coisas caminham melhor", pois o ministro "desfruta de respeito e confiança, e nos faz lembrar dos melhores dias de José A. Martinez de Hoz".

Sobre o Chile, o banqueiro lembrou que "foi o de maior destaque do Cone Sul, pois reduziu para 10 ou 12 por cento uma inflação de mil por cento. Isto é uma prova do que podem fazer um governo forte e uma equipe de profissionais civis".

Segundo disse, a equipe econômica chilena "é muito capaz" e o Produto Nacional Bruto (PNB) do país vem crescendo paulatinamente. O orçamento chileno não tem déficit e o governo transfere as empresas estatais para o setor privado.